

Família acusa HGO de descaso

Mãe de Márcia, que está em coma desde 1988, diz que hospital piorou atendimento após perder causa

ROVÊNIA AMORIM

A família de Márcia de Oliveira Franco, 37 anos, que entrou em coma irreversível há oito anos por erro médico, logo depois do nascimento do seu terceiro filho, acusa o Hospital Geral Ortopédico (HGO) de piorar, propositalmente, a qualidade do atendimento médico prestado à filha. Desde que recebeu alta, Márcia é assistida em casa por enfermeiros pagos pelo hospital. Segundo Therezinha Ivette, mãe de Márcia, a piora na assistência coincide com a decisão judicial de 25 de novembro de 1996 que obriga o hospital a pagar à família indenização de R\$ 143,9 mil.

"Virou uma guerra de nervos e isso está acabando com a gente", protesta dona Therezinha, que aponta a

atitude do hospital como represália. De acordo com ela, cada dia a filha é tratada por um enfermeiro diferente e nem sempre com qualificação profissional confiável. "Teve um que até queimou a perna esquerda da Márcia", denuncia. "Hoje (ontem)

mesmo ela só tomou o gardenal (remédio para evitar convulsões) porque lembramos ao enfermeiro". Recusa - Cansados com a situação, a família tentou ontem transferir a filha para o HGO. "Lá ela vai, pelo menos, ser tratada por bons profissionais", explica Therezinha. A recusa do HGO foi inci-

siva e imediata. "Não há clima para isso. Foi aqui que ocorreu o incidente. Além disso, a relação do hospital com a família está muito desgastada", justifica o diretor técnico do HGO, Nenio Carvalho.

O diretor nega também que o atendimento tenha piorado por represália à família por ter ganho a ação indenizatória. "Há mais de dois anos que o serviço de enfermagem domiciliar foi terceirizado. E são os enfermeiros que não aguentam a família que, segundo eles, é de difícil convívio", acusa.

Para comprovar a acusação, o diretor administrativo do HGO, Gilton Paiva Lima, mostrou um relatório da Enfermagem Serviços e Assistência (ESA), enviado à diretoria do hospital em 23 de dezembro de 95, em que o enfermeiro João Batista afirma não ter sido aceito por ser de baixa estatura.

Plantões - A família defende-se, afirmando que a escala de plantões nunca é cumprida e, cansados, os enfermeiros acabam pedindo para sair. O enfermeiro Geraldo Alves Batista que cuidava ontem de Márcia no seu primeiro dia de trabalho já conviveu com o problema.

A enfermeira que deveria substituí-lo às 7h00 não apareceu. "Liguei para ela e combinamos que eu ficaria até às 20h00", assinala Batista que foi obrigado a trabalhar, sem dormir, 24 horas ininterruptas.

**paciente é
assistida em casa
por enfermeiros pagos
pelo HGO. Diretor do
hospital nega piora
no atendimento e
acusar família de
"difícil convívio"**

Luiz Marcos



Márcia está em coma por erro médico. Justiça obrigou HGO a pagar à família indenização de R\$ 143 mil